

# CUIDAR DA CASA COMUM: DA NATUREZA, DA VIDA, DA HUMANIDADE.

OPORTUNIDADES  
E RESPONSABILIDADES  
DO DESPORTO  
E DA EDUCAÇÃO FÍSICA

VOLUME 2



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO CEARÁ



CONSELHO REGIONAL DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA DA 5ª REGIÃO

**Organizadores:**

Jorge Olímpio Bento

Wagner Wey Moreira

Adriano César Carneiro Loureiro

Helena Cristina Baguinho Bento

Rafael Guimarães Botelho

Teresa Cristina da S. T. Marinho

# Cuidar da Casa Comum:

Da natureza, da vida, da humanidade.  
Oportunidades e responsabilidades do  
Desporto e da Educação Física

## VOLUME 2

Jorge Olímpio Bento  
Wagner Wey Moreira  
Adriano César Carneiro Loureiro  
Helena Cristina Baguinho Bento  
Rafael Guimarães Botelho  
Teresa Cristina da S. T. Marinho  
(Organizadores)



Fortaleza  
Setembro/2018

**Cuidar da Casa Comum:** Da natureza, da vida, da humanidade. Oportunidades e responsabilidades do Desporto e da Educação Física. - Vol. 2  
Copyright 2018: Casa da Educação Física

Proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio ou sistema, sem o prévio consentimento de seus editores.

Casa da Educação Física  
www.casaef.org.br

Impresso em Belo Horizonte - MG, Brasil  
Editoração: Elder Roberto

**Comissão Científica:**

Adroaldo Cezar Araujo Gaya (UFRGS)

Alberto Carlos Amadio (USP)

Alcides José Scaglia (UNICAMP)

Alfredo Gomes de Faria Junior (UNIVERSO)

António José Barata Figueiredo (UC - Portugal)

António José Silva (UTAD - Portugal)

António Manuel Machado Prista e Silva (UP - Moçambique)

Cláudia Lúcia de Moraes Forjaz (USP)

Heraldo Simões Ferreira (UECE)

Jair Sindra Virtuoso Júnior (UFTM)

Juarez Vieira do Nascimento (UFSC)

Junior Vagner Pereira da Silva (UFMS)

Luís Paulo Rodrigues (ISPVC - Portugal)

Marco Tulio de Mello (UFMG)

Mirleide Chaar Bahia (UFPA)

Paulo Cesar Montagner (UNICAMP)

Regina Simões (UFTM)

Rita Santos Rocha (ESDRM - Portugal)

Roberto Ferreira dos Santos (UNIVERSO)

Sidónio Olivério da Costa Serpa (FMH - Portugal)

Silvio Pedro José Saranga (UP - Moçambique)

Vilde Gomes de Menezes (UFPE)

## Ficha Catalográfica

C966 Cuidar da casa comum: da natureza, da vida, da humanidade.  
Oportunidades e responsabilidades do desporto e da educação física / Jorge Olímpio Bento ... [ et al. ]. - Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2018.

v.2

324p.

ISBN 978-85-98612-59-1

Contém gráficos e tabelas

1. Educação física - Formação de professores. 2. Desporto - Formação de professores. 3. Pedagogia do esporte - Estudos.  
I. Bento, Jorge Olímpio.

CDD: 371.732

CDU: 796.4

## Corpo, identidade e envelhecimento: uma perspectiva *psicomotora*

Jorge Fernandes<sup>1</sup>  
Paulo Gutierrez Filho<sup>1</sup>  
Marisete P. Safons<sup>1</sup>

### Introdução

O envelhecimento é um fenômeno contínuo e irreversível, progressivo e lento, não patológico, resultante de fatores genéticos e ambientais, que se caracteriza, como refere Peruchon (2005), por um período de transição na história de vida de cada sujeito que pode causar alterações na identidade. O processo de envelhecimento propicia a diminuição das capacidades físicas, mudanças fisiológicas, alterações sensoriais, modificações mentais, cognitivas e sociais, que acrescentam novos registros à história de vida de cada pessoa. Com o aparecimento de qualquer patologia estas alterações tornam-se mais evidentes e, por consequência, mais marcantes para a sua história pessoal.

Se por um lado, as informações veiculadas pelos *mass media* e literatura em geral referem que a pessoa idosa apresenta maior disponibilidade em adquirir disfunções e a necessidade em ter comportamentos que objetivem um envelhecer saudável, por outro lado, a sociedade, muitas vezes, olha com descrédito para um corpo que envelhece, ao referir-se a ele de forma metafórica, como usado, gasto, sofredor, esclerosado, arruinado, caduco, caquético e tantas outras formas simbólicas do (des)qualificar. Como refere Attias-Donfut (2008), o corpo humano existe pela forma como os outros e a sociedade o caracterizam e quando este envelhece a diferença entre a realidade e o imaginário social é notória. No nosso ponto de vista, o problema não está no corpo, tanto que sem corpo o envelhecimento não existiria (SIMEONE, 1988), mas sim num pensamento e idealização de envelhecimento centrado apenas no corpo.

Reduzir o idoso às alterações corporais e funcionais é consequência de um olhar depreciativo sobre o envelhecimento, pois reduzir o idoso ao seu *novo* corpo é negar-lhe a dignidade de ser ele próprio (BILLÉ, 2007). Devemos olhar para o idoso como uma pessoa de corpo inteiro cujas experiências de vida e perdas inerentes ao envelhecimento edificam a consciência que tem de si próprio e moldam o seu sentimento de identidade. Ele não é um corpo, mas sim uma pessoa com identidade corporal própria. Por isso, não devemos olhar apenas para o corpo (dis)funcional mas sim para a sua estrutura psicocorporal e social.

Não estamos a depreciar o corpo, pois a vida é vivida através dele, é o corpo que nos permite perceber o que nos rodeia e nos possibilita agir sobre o envolvimento. Pelo contrário, a sua importância é tal, que é através dele que a pessoa existe, constrói e expressa a sua identidade. É por isso que Winance (2007) refere que “L’existence de l’homme est corporelle” (p. 33), e que também leva Attias-Donfut (2008) a referir, de forma mais específica, que “J’ai un corps, mais je suis mon corps, qui me représente en entier, dans mon être social et individuel” (p. 74). Neste sentido, o que existe é um corpo real associado à funcionalidade e aparência, e um corpo expressivo que espelha o imaginário, as emoções, os fantasmas, a sua história de vida; um é consequência do outro.

O corpo do idoso também *fala*, expressa e conta a sua história de vida. Como refere Billé (2007) é possível, mas não é fácil, ler as memórias de vida registradas no corpo, associadas às separações, às perdas, aos lutos, ou aos medos que ali ficam impressos. No entanto, sabemos e percebemos que o mais fácil é ver as alterações e disfunções corporais. Mas, para os profissionais que trabalham com idosos, o importante é perceber que o processo de envelhecimento é acompanhado por alterações corporais de

---

<sup>1</sup> Universidade de Brasília (UnB), Brasil.

ordem estética, sensorial e funcional, mas que estas influenciam a construção da sua história de vida, estrutura psicocorporal e identidade. O crucial é perceber como as alterações corporais condicionam a estrutura psicocorporal do idoso e a forma como este *habita* o seu corpo. *O corpo é a casa da vida*, que pode ser confortavelmente habitada, quando se tem consciência de um corpo que tem identidade e se possui sentimentos de unidade, de coerência, de pertença, de valor, de autonomia e de confiança associado à vontade de ser e de existir (MUCHIELLI, 2015). Como refere Potel (2012), habitar um corpo é “être son corps” (p. 81), que expressa um “... sentiment d’être à l’intérieur de soi en ‘permanence’...” (p. 129).

O corpo permite situar o sujeito em relação ao envolvimento e o envolvimento em relação ao sujeito, através da dialética entre espaço interno e externo, cuja fronteira é a pele (Eu-pele), que constitui a base da estruturação do sentimento de si e da sua identidade (FERNANDES, 2014). De acordo com o exposto, este texto não tem como objetivo abordar o envelhecimento através das marcas exteriores ou apenas na funcionalidade corporal, mas através do que fundamenta e caracteriza a existência corporal do idoso, que se alicerça no corpo, na identidade e na imagem que tem de si próprio. Apresentaremos também algumas indicações sobre a forma como a intervenção psicomotora utiliza o corpo e o movimento como mediadores de ajuda na estruturação psicocorporal, ou seja, na melhoria das capacidades funcionais e na (re)construção da percepção de si e da identidade do idoso.

## Corpo e identidade na perspectiva psicomotora

Em psicomotricidade apreendemos o corpo de forma holística, dentro de uma perspectiva biopsicossocial, enquadrado numa dimensão unificada. Existe o corpo que se move com as pernas, braços, e qualquer outro segmento corporal, através de condutas perceptivo-motoras, e o corpo que se relaciona porque comunica e permite o diálogo tónico emocional; ambos formam uma unidade inseparável. O corpo que se conhece através da pele, fusos neuromusculares e órgãos tendinosos de Golgi, ou o corpo que se sente e expressa emoções e afetos formam uma dimensão única.

Devemos dirigir o olhar para um corpo total, que age e reage, que é real e imaginário, que é espaço de passagem da comunicação, da relação e da vida psíquica, que se expressa num determinado contexto social. Assim, o corpo não é apenas corpo anatômico, mas também corpo que percebe, reage e, como refere Giromini (2012), expressa desejos.

Mas qual a gênese da percepção do corpo, ou seja, a origem da noção da existência de uma dimensão corporal, que mais tarde pode ser expressiva? Vários autores (BAYLE, 2006; GOLSE, 2002; ROBERT-OUVRAY, 2007) referem que as primeiras vivências motoras começam na infância e num espaço corporal ainda não integrado. Nos primeiros meses de vida a criança necessita do corpo do outro, com o qual realiza as suas primeiras interações. O seu espaço corporal estabelece-se fusionalmente com o da mãe. Esta relação enquadra-se numa simbiose tónica, afetiva e emocional. Quando o bebê fica tenso e chora, vive estados afetivos de desprazer, mais ou menos angustiantes, e quando a mãe o tranquiliza ele sente o corpo descontraído, e vive um estado de prazer e de satisfação. A repetição das vivências (des)prazerosas que ligam as sensações ao objeto aumentam gradualmente as representações psíquicas da criança sobre o seu corpo.

O *handling* e *holding* da mãe permitem estabelecer uma corrente emocional de valor afetivo e comunicacional (WINNICOTT, 1971). A mãe ao transmitir e falar do afeto ao próprio bebê, integra-o no mundo significativo dos afetos, o que permite construir sobre a sua estrutura corporal as bases psíquicas. Quando se passa do nível tónico-sensorial para o nível afetivo, de um cuidado físico para uma relação afetiva, de um *handling* para um *holding* efetiva-se, de acordo com Robert-Ouvray (2007), a passagem de um estado de pré comunicação para um estado de comunicação. A partir desta comunicação, a criança constrói a imagem de Si a partir do Outro, a partir da sua própria imagem que lhe é devolvida pela mãe.

A percepção do corpo, o sentir do corpo, a vivência relacional tónico-afetiva faz com que a criança entre num processo de identificação. A construção da identidade é um processo dinâmico e pessoal que até aos 18 meses é caracterizado por uma situação imagóico-imagética, em que o bebê se reconhece e se

identifica através de mensagens inconscientes (imago) e conscientes (imagem) transmitidas pela mãe; depois passa por um processo de identificação idiomórfica, entre os 18 e 30 meses, por auto-observação, ou seja, pela observação de si próprio e do outro com o qual estabelece comparações; e alotriomórfica, entre os 30 e os 72 meses, em que se identifica a um modelo, a alguém que admira e quer imitar e desejar ser como ele (COIMBRA DE MATOS, 1996, 2006). É do exterior que lhe vem a imagem do corpo, portanto, a partir de uma relação, ou seja, da ressonância tônico-emocional que estabelece com o outro, para depois ser alimentada pelas suas próprias informações corporais (BAYLE, 2006; GOLSE, 2002). Assim, através da interação com o outro, a criança adquire a diferenciação dentro/fora, e modula os estados tônicos, que lhe permite ter a sensação de continuidade e de permanência no tempo e no espaço (LESAJE, 2012). Quando se percebe tonicamente, começa a construir a percepção do seu corpo e a estruturar os fundamentos da sua identidade (ROBERT-OUVRAY, 2007).

## Identidade e envelhecimento

A representação mental que temos de nós próprios, denominada de representação de si e ou de imagem global de si, é uma imagem que expressa uma individualidade integrada, coerente e estável (COSTALAT-FOURNEAU, 2008), que se constrói através (i) da capacidade do sujeito adquirir qualidades e (ii) do desejo de conservá-las ao longo da sua existência (LE GOUËS, 2008). De forma geral, a literatura que aborda o desenvolvimento psicoafetivo refere que estas qualidades são adquiridas na infância e mantêm-se ao longo do ciclo de vida através de processos denominados de identificação; através da expressão da vontade em querer ser aquela pessoa que admiramos e amamos, ao nível do imaginário pela falta de possibilidade de ser real. Assim, este processo mobiliza as vivências de vinculação ao outro e a ligação sentimental a alguém, e que se traduz pela vontade de ser como ele (COIMBRA DE MATOS, 1996, 2006). Falamos de um processo que não é mais do que uma *representação* que se realiza no *teatro* da mente, pelo *ator* que pretende adquirir as qualidades do *personagem* (o outro). Para conseguir isso, ele veste-se com as características do outro e desempenha esse papel, apropriando-se, assim, dessas qualidades. Como refere Le Gouès (2008, p.48), “Je deviens l’autre imaginativement, afin d’être moi-même grâce à son modèle”.

O que pretendemos alegar é que a construção da imagem interna do sujeito é a consequência das relações que este estabelece com o outro, ao introjetar as suas características, primeiro na sua imaginação consciente e depois no seu inconsciente. Desta forma, ele cria uma estrutura psíquica interna pela apropriação de um modelo que se converte em parte integrante da sua identidade (BRADDOCK, 2011). Assim, podemos dizer: o que ele não é e pretende ser incorpora-se pela representação do que quer ser.

A possibilidade de encontrar um modelo de *personagem* para ser representado e introjetado, e possuir o talento para *representar*, e realizar uma identificação, colocando-se na pele do outro, é muito mais fácil na infância ou adolescência, do que nas fases mais tardias de envelhecimento (LE GOUËS, 2008). Isto acontece porque os modelos mais próximos do idoso, as pessoas com quem partilha o dia a dia, por exemplo numa instituição, parecem ser (i) pouco atrativos por expressarem pouca alegria, felicidade ou outras qualidades e, também, (ii) porque são menos numerosos para se poder seleccionar facilmente um modelo a representar. Como refere Le Gouès (2008), existe uma maior dificuldade em se identificar com os seus pares. Diante desta limitação, o idoso acaba por estender o processo de identificação a modelos de pessoas mais jovens. Se mesmo assim existir falência destes modelos, vai investir na promoção de si próprio, através do mecanismo de projeção. Assim, pela falta de modelos, que permitam o processo identificação-introjeção, o idoso dirige para o exterior a imagem de si, que vai sempre acompanhada pelo seu *ideal de eu*, já adquirido pelas relações familiares e com pessoas importantes para ele ao longo da vida. O que acontece é que as alterações corporais, estéticas e funcionais obrigam o idoso a criar novas representações de si, que tem um suporte sempre mais frágil que os precedentes. Com o passar dos anos as novas representações de si são cada vez menos agradáveis do que as anteriores, podendo mesmo levar à depressão (LE GOUËS, 2008).

O corpo durante o processo de envelhecimento vai provocar alterações na imagem corporal, o que por sua vez se repercute sobre a percepção do idoso sobre si próprio (LECUYER, 1994). O aspecto do seu corpo não se encontra em conformidade com a representação que tem do corpo, assim o próprio corpo relembra o seu envelhecimento, provocando a necessidade de um luto pela perda do corpo que está habituado a habitar, de forma a reapropriar-se da sua imagem.

Com o envelhecimento, as alterações corporais podem espelhar estranheza, ameaças e desestabilizar a relação entre o real e o imaginário, afetando, assim, a identidade do idoso. Estas alterações e o luto inerente às respectivas faltas no corpo provocam, como refere Fernandes (2014), inseguranças que podem reativar as angústias corporais arcaicas (queda, separação, fragmentação, liquefação e outras). Por isso, torna-se relevante que os profissionais se centrem não somente na melhoria das disfunções corporais, estéticas ou funcionais, mas também tenham a preocupação de melhorar as representações que o idoso tem de si.

### **O corpo como mediador da intervenção: *GerontoPsicoMotricidade***

A pessoa idosa está sujeita a uma diminuição progressiva das capacidades gnossopráticas e relacionais, que se expressam por uma lentidão psicomotora, perda de força, fadiga, problemas práticos, desorganização somatognósica e espaçotemporal, dificuldades de comunicação em grupo, abulia, problemas de regulação emocional e o exacerbar das angústias corporais arcaicas. Como é referido por Fernandes (2014), a vida psíquica e a vida somática do idoso estão sujeitas a formas diferentes e particulares de (dis)funcionalidade, existindo uma interdependência funcional entre elas, o que fundamenta a importância da prática *GerontoPsicoMotora*. Assim, a utilização do corpo e do movimento como mediadores da intervenção através de técnicas de estimulação sensorial e de relaxação, de toque terapêutico, de expressão artística e emocional, dinâmicas lúdicas de grupo, ou de diferentes formas de motricidade em relação, permitem trabalhar tanto as estruturas gnossopráticas associadas à funcionalidade, como o envelope corporal que constitui os fundamentos da imagem corporal do idoso.

Assim, as práticas corporais devem abranger todas as dimensões da imagem corporal, que de acordo com Dolto (2007) são: a *imagem funcional* associada ao corpo biológico; a *imagem erógena* associada às relações intersubjetivas; e a imagem de base que permite a manutenção do sentimento de ser e de existir independentemente das situações que a vida proporciona. Face a um corpo biológico que se transforma em consequência da idade, as estratégias de compensação devem partir da solicitação destas imagens (FEILLET; HÉAS; BODIN, 2011). Se o corpo biológico se encontra afetado, como solicitar estas dimensões? Em termos psicomotores diríamos: pela solicitação do corpo real e imaginário através de exercícios de equilíbrio, tonicidade, jogos práticos, jogos de representação, de colaboração, de oposição e de relação para solicitar a realização tanto de movimentos coordenados, eumétricos e sincrónicos, como de metáforas e metonímias corporais através de expressão motora livre e espontânea. O que também permite solicitar a dimensão social do corpo (tendo em conta os outros) e a dimensão psicológica (emoções, consciência de si, identidade). Assim, é possível manter ou melhorar as capacidades funcionais (por exemplo, prevenir quedas), cognitivas (por exemplo, processamento e armazenamento da informação), e emocionais (melhorar a consciência de si, a confiança no seu corpo, reassegurar face às angústias arcaicas, etc).

A utilização do corpo como mediador de intervenção é fundamental para a manutenção da identidade. Deste modo, o corpo deve ser narcisado, no sentido de se favorecerem vivências prazerosas, ou seja, através de diferentes atividades (como, por exemplo, jogos, práticas lúdicas, relaxação ou outras) permitir que o idoso redescubra que o seu corpo ainda tem capacidades; permitir que vivencie sensações conectadas com afetos positivos e as verbalize de forma a solicitar e reaver a consciência de si (MAINTIER, 2011). Estas mesmas atividades devem procurar a aquisição de capacidades funcionais de forma a melhorar o controle e domínio de atividades de vida diária (equilíbrio, marcha, motricidade fina), e assim diminuir alguns dos medos associados a situações práticas do dia a dia. Estes tipos de aquisições que permitem reintroduzir a consciência corporal são fundamentais para a manutenção da identidade e estima de si

(PERSONNE, 2011). A forma de aplicação destas práticas, sempre que possível, deve demandar um trabalho em grupo com pessoas mais autônomas e funcionais de forma a solicitar dinâmicas relacionais entre si e, assim, facilitar os processos de imitação e os fenômenos identificatórios necessários à manutenção da identidade (MAINTIER, 2011).

## Considerações finais

Se levarmos em consideração os *saberes-teóricos* apresentados neste texto, em que o olhar do profissional vai mais além do corpo biológico (funcionalidade) e perceber que o corpo também edifica e expressa sentimentos sobre si próprio através das relações que estabelece com os outros, será possível a utilização de diferentes mediadores na intervenção (movimento, jogos, atividades lúdicas, etc.), criar um *saber-fazer* cujos objetivos sejam *PsicoMotores* (associados ao corpo real e imaginário), e assim ajudar o idoso a ter funcionalidade (equilíbrio, marcha controlada, dextralidade, etc.) e a *habitar o seu novo corpo* ao ajudá-lo simultaneamente a adquirir o sentimento de ser o seu corpo, de estar no seu interior de forma estável e a construir a sua identidade.

## Referências

- ATTIAS-DONFUT, C. Le corps vieux, entre imaginaire et épreuve de réalité. In: BLOCH, B.; HEILBRUNN, B.; LE GOUËS, G. (Ed.), **Les représentations du corps vieux**. Paris: Presses Universitaires de France, 2008. p. 69-79.
- BAYLE, F. **À volta do nascimento**. Lisboa: Climepsi, 2006.
- BILLÉ, M. Vieux corps ou corps de vieux? **Sens-Dessous**, v. 1, n. 1, p. 14-22, 2007. doi:10.3917/sdes.001.0014.
- BRADDOCK, L. (2011). Psychological identification, imagination and psychoanalysis. **Philosophical Psychology**, v. 24, n. 5, p. 639-657. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/09515089.2011.559619>>.
- CLARK, A. J. **Defense Mechanisms in the Counseling Process**. London: Sages, 1998.
- COIMBRA DE MATOS, A. Identificação e referência. In: COIMBRA DE MATOS, A. **Vária. Existo porque fui amado**. Lisboa: Climepsi Editores, 2007. p. 117-118.
- \_\_\_\_\_. Percursos da identidade: processos transformadores. **Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria**, v. 11, p. 23-33, 1996.
- COSTALAT-FOUINEAU, A-M. Identité, action et subjectivité. Le sentiment de capacité comme un régulateur des phases identitaires. **Connexions**, v. 1, n. 89, p. 63-74, 2008. doi 10.3917/cnx.089.0063.
- DOLTO, F. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- FEILLET, R.; HÉAS, S.; BODIN, D. Corps et identité au grand âge: l'exercice corporel ou son abandon comme analyseur de la lutte contre la vulnérabilité. **Nouvelles pratiques sociales**, v. 24, n. 1, p. 21-35, 2011. doi:10.7202/1008216ar.
- FERNANDES, J. A gerontopsicomotricidade como prática terapêutica de mediação corporal. **Journal of Aging and Innovation**, v. 3, n. 3, dez. 2014. Editorial.
- GIROMINI, F. La médiation en psychomotricité. In: JALONS POUR UNE PRATIQUE PSYCHOCORPORELLE: structures, étayage, mouvement et relation. Toulouse: Érès, 2012. p. 253-264. doi:10.3917/eres.lesag.2012.01.0253.

- GOLSE, B. Le désespoir chez les très jeunes enfants ou “tant qu’il y a du désespoir, il y a de la vie”. In: ANDRÉ, J. (Ed.). **Le temps du désespoir**. Paris: PUF, 2002. p. 25-41.
- L’ECUYER, R. **Le développement du concept de Soi de l’enfance à la vieillesse**. Montréal: Presses de L’Université de Montréal, 1994.
- LE GOUËS, G. Image de soi et vieillissement. In: BLOCH, D.; HEILBRUNN, B.; LE GOUËS, G. (Dir.). **Les représentations du corps vieux**. Paris: Presses Universitaires de France, 2008. p. 47-68.
- LESAGE, B. **Jalons pour une pratique psychocorporelle**. Toulouse: Érès, 2012.
- MAINTIER, C. Une identité à construire et à conserver. In: PERSONNE, M. **Protéger et construire l’identité de la personne âgée**. Toulouse: Érès, 2011. p. 33-46.
- MUCCHIELLI, A. L’identité individuelle et les contextualisations de soi. **Le Philosophoire**, v. 43, n. 1, p. 101-114, 2015. doi:10.3917/phoir.043.0101.
- PERSONNE, M. L’approbation identitaire. In: PERSONNE, M. **Protéger et construire l’identité de la personne âgée**. Paris: Érès, 2011. p. 119-128.
- PERUCHON, M. (2005). Les compétences somato-psychiques au cours du vieillissement et de la vieillesse. In: TALPIN, J. M. (Ed.). **Cinq paradigmes cliniques du vieillissement**. Paris: Dunod, 2005. p. 23-45.
- PITTERI, F. Psychomotricité et personnes âgées. In: POTEL, C. **Psychomotricité: entre théorie et pratique**. Paris: In Press, 2010. p. 289-310.
- POTEL, C. **Être psychomotricien: un métier du présent, un métier d’avenir**. 2. ed. Paris: Érès, 2012.
- ROBERT-OUVRAY, S. **Intégration mortice et développement psychique**. Paris: Desclée de Brouwer, 2007.
- SIMEONE, I. Les aspects psychodynamiques du vieillissement. **Gérontologie et Société**, v. 46, p. 8-20, 1988.
- WINANCE, M. Du malaise au “faire corps”: le processus d’ajustement. **Communications, Corps et Techniques**, v. 81, p. 31-45, 2007. doi: 10.3406/comm.2007.2456.
- WINNICOTT, D. **Playing and reality**. London: Tavistock, 1971.